

No Memorial

O lugar do negro na arte

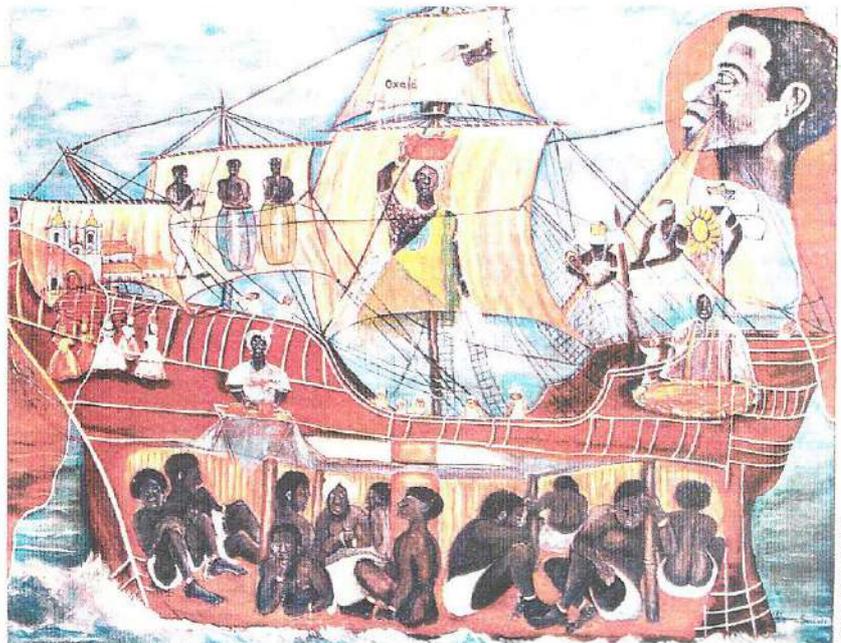
Imagens de orixás, animais, elementos da natureza, mulheres bonitas, rostos bem esculpidos. E também o horror de um navio negreiro, o escravo amarrado ao tronco, a mãe que cria o filho em meio a dificuldades ou a sugestiva instalação que mexe com um dos principais símbolos estrangeiros no Brasil. Estas são algumas das particularidades retratadas no 1º Salão de Arte Afro-Brasileira, em cartaz no Memorial do Rio Grande do Sul.

As mais de 100 peças reunidas na exposição, entre pinturas, desenhos, esculturas, objetos e instalações, sugerem uma reflexão sobre a presença do negro na arte brasileira. Tão exaltados na música e na dança, os descendentes de africanos ainda buscam um espaço correspondente no universo das artes visuais. "A arte não tem cor", avalia o jornalista João Carlos Prudêncio, que também é artista plástico. "Mas historicamente somos influenciados por um padrão que vem da Grécia Antiga e que influenciou toda a cultura ocidental. E não podemos esquecer que, do ponto de vista da liberdade de expressão, temos uma história curta, de menos de dois séculos", comenta.

Apesar de a exposição em cartaz no Memorial não ser assinada somente por artistas negros (a intenção da curadoria era valorizar elementos étnicos), Prudêncio chama a

atenção para algumas características marcantes na maioria dos trabalhos. Além dos temas recorrentes, há uma profusão de cores, traços acentuados na figura humana, a religiosidade, a valorização da liberdade e o grito da periferia. "As raízes da África estão muito fortes aqui, tudo é muito representativo. As técnicas usadas são diversificadas e fazem a relação do cultural com o material, inclusive com o resgate de um jeito antigo de produzir a tinta ou trabalhar com um suporte diferenciado como a madeira", explica o jornalista.

Para o crítico Paulo Gomes, definir os limites de uma arte afro-brasileira é um tema muito complexo. "Quando se fala em cultura negra logo vem à mente o samba, o carnaval e o futebol. Nas outras manifestações ela é minoritária, mas não podemos deixar de levar em conta que existem artistas plásticos negros de renome, como Emanuel de Araújo, Maria Lidia Magliani e Paulo Chimentes", comenta, acrescentando que estes se destacam não pela cor da sua pele, mas pela qualidade de seus trabalhos. "O interessante é que o modernismo chegou à Europa depois que Braque descobriu as esculturas africanas e, até hoje, este aspecto étnico e primitivista é o que mais se destaca quando falamos dos negros nas artes plásticas", diz Paulo Gomes.



Raízes da África foi um dos trabalhos premiados no 1º Salão de Arte Afro-Brasileira

A sociedade não pode ser dividida em guetos

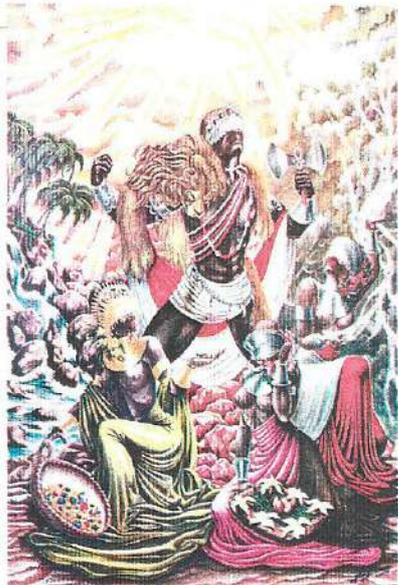
O conceito de negritude, tão valorizado nos dias de hoje, começou a ser defendido na década de 1930 por um estudioso das Antilhas, mas com um caráter político de anticolonialismo. "Era ressaltado o pertencimento dos negros, que seria a condição de pertencer a um país ou ao mundo não pela cultura dos colonizadores, mas com sua própria identidade", conta Paulo Gomes. A teoria se desenvolveu, ganhou ares de movimento na década de 1960 (junto com os hippies e as feministas), entrou para a lista do politicamente correto e hoje contribui para debates sobre racismo. Mas, segundo o crítico, é preciso cuidado para não dividir a sociedade em guetos. "O Brasil precisa se assumir como um país mestiço e não de judeus, negros, italianos, alemães, portugueses, cada qual com o seu universo. Se os negros não têm nas artes plásticas e na literatura o mesmo destaque que têm na música é porque não têm acesso ao meio acadêmico, onde se encontra a formação para estas áreas. Ou seja, é uma questão de investimento em educação,

de oportunidades iguais para todos, e não de segmentação da sociedade", avalia.

Paulo Gomes ainda salienta que um aspecto importante é que esta exposição esteja sendo realizada no centro de um espaço instituído e representativo do poder público. "É importante os negros terem este espaço num país extremamente preconceituoso como é o Brasil", acrescenta. E o que pensar sobre a falta de referência sobre a chegada dos negros e sua participação na sociedade gaúcha na linha do tempo do que perpassa o Memorial do RS? Enquanto Paulo Gomes lembra que no final do século XIX os negros chegaram a ser maioria na capital do Estado, o jornalista Prudêncio ressaltava a importância da mão-de-obra escrava no ciclo das charqueadas e nos episódios dos lanceiros negros durante a Revolução Farroupilha. "Mas esta é uma história não oficializada, que só chegou até nós através da figura do preto velho, uma tradição de cultura oral ainda mantida pelos descendentes de africanos", destaca.



A escultura do Jovem Escravo resgata um passado de sofrimento



O quadro *Oferenda a Xangô* resalta um tema recorrente na cultura africana

LOJAS AFRICANAS
LOJAS AFRICANAS
LOJAS AFRICANAS

Instalação sobrepõe um símbolo estrangeiro às referências africanas

Hipertensão e Tratamento Alternativo

Um combate completo às causas físicas e emocionais da Pressão alta. Com Naturopatia, reiki, florais e terapia corporal.

Gaio Fontella (Mestre reiki REG FEPLAN 200320 e terapeuta holista)
Dr. Flores 105/ 1405 Fone: 32284320